

Fatalidade, culpa, desencontro Formas da ruptura conjugal

Anália Cardoso Torres*

Resumo: Neste artigo sintetizam-se alguns dos resultados de uma investigação sobre o divórcio e os divorciados. Dá-se conta, essencialmente, do que constitui apenas uma das fases da pesquisa, a análise qualitativa de entrevistas em profundidade realizadas na área urbana de Lisboa, a homens e mulheres divorciados e separados de vários meios sociais e idades. Parte-se da perspectiva segundo a qual os aspectos sociológicos do divórcio só podem ser compreendidos em estreita articulação com as formas de conjugalidade, isto é, com as diferentes concepções e práticas dos actores em relação ao casamento. No modelo de análise construído definiu-se uma tipologia de divórcio. Desenvolve-se ainda a discussão teórica em torno da problemática da articulação entre identidade social e identidade sexual e propõe-se, no plano metodológico, a reflexão mais sistemática sobre o papel do sexo na entrevista e na investigação.

(...) je me disais tristement que notre amour, en tant qu'il est l'amour d'une certaine créature, n'est peut-être pas quelque chose de bien réel, puisque, si des associations de réveries agréables ou douloureuses peuvent le lier pendant quelque temps à une femme jusqu'à nous faire penser qu'il a été inspiré par elle d'une façon nécessaire, en revanche, si nous nous dégageons volontairement ou à notre insu de ces associations, cet amour, comme s'il était au contraire spontané et venait de nous seuls, renait pour se donner à une autre femme."

Marcel Proust, *A la recherche du temps perdu*

É bem verdade que se decidiu começar este artigo pelo fim. A escolha da epígrafe anuncia uma conclusão que é também um recomeço. Esta sensação de que o amor pode ser reinvestido só se costuma impôr aos divorciados algum ou muito tempo após a separação, considerados à parte o caso das paixões súbitas ou das desistências voluntárias ou involuntárias deste tipo de afectos. E se o tempo pode ter aqui uma dimensão subjectiva, é igualmente certo que Proust na sua busca de um seu outro tempo diz isto mesmo e o seu contrário. Em muitas páginas da obra se demorou também em descrições, difíceis de igualar, sobre os mecanismos da paixão e do sentimento sempre que estes se impõem totais, eternos e invariantes

* Departamento de Sociologia do ISCTE, investigadora no CIES

quanto ao seu objecto. Mas esta epígrafe pode passar por acaso sob os olhos de algum divorciado sem esperança e assim sempre lhe dará algum conforto.

Começar pelo fim talvez contrarie tendências frequentes no modo de exposição de trabalhos de pesquisa e não deixa de beneficiar os mais precipitados ou ávidos de informação conclusiva. Apresentam-se, assim, desde já, os resultados recentemente obtidos numa pesquisa sobre o divórcio e os divorciados². Só depois se indicam linhas de investigação, são apresentadas, sinteticamente, referências teóricas e metodológicas que orientaram a investigação e se debatem opções e problemas surgidos no seu curso. Um pouco como nos romances em fascículos, continua-se aqui o que ficara anunciado em publicações referentes a fases anteriores da investigação³ e procura-se, do mesmo modo, indicar vias de prosseguimento.

1. Desencontro, Culpa, Fatalidade

Os resultados da pesquisa permitem, tal como no cinema, identificar dois tipos de situações e de imagens. Na primeira surgem recortes nítidos, planos bem conseguidos, personagens convincentes, traços que permanecem vinculados na memória. No plano teórico-metodológico, e mais secamente, estas foram as hipóteses confirmadas, os resultados claros e contundentes, mesmo quando não pareciam previsíveis nas ideias iniciais. No segundo tipo de situações, que adiante se referirão, já os contornos se apresentam menos precisos.

Há diferentes formas de viver a ruptura conjugal - o que ao nível psíquico e individual pode ser considerado como um momento emocional, sempre complexo e doloroso, é ao nível sociológico uma realidade vivida de formas muito distintas, distinções estas articuladas a certas regularidades sociais. Este é apenas um dos exemplos de nitidez de resultados.

As entrevistas em profundidade a mulheres e a homens divorciados⁴ confirmam, aprofundam e permitem explicar diferenças quanto ao divórcio já detectadas, de resto, na análise sociográfica que se desenvolveu em fase anterior da pesquisa⁵. Distinguiram-se três grandes grupos de divorciados. No primeiro, que se designou por *divórcio-desencontro*, incluíram-se fundamentalmente os entrevistados que consideravam o divórcio como tendo origem num problema de *Relação* - no seu progressivo esgotamento ou no lento desgaste do vínculo afectivo e amoroso que tinha estado presente no seu início.

Era uma vida conjugal, quer dizer, de certa maneira "réussie", mas a certa altura o que se constatou foi... uma certa incompatibilidade de vivência em comum. As coisas corriam bem mas havia essa coisa, quer dizer, no fundo as pessoas com perspectivas diferentes e que depois levam a que...sei lá..., haja um afrouxamento afectivo na relação..."

Míquel, Profissão Liberal, 39 anos

O quotidiano era perfeitamente prosaico, fácil e desprendido, despreocupado em todos os aspectos; era um quotidiano de uma aparência completamente feliz e sem problemas; depois havia um progressivo agravar do não entendimento a nível mais profundo da alma, que eu chamo da alma, que eram aspirações, concepções de viver e da vida. Esse desencontro vai aumentando à medida que o tempo passa. São linhas divergentes."

Vasco, Quadro Superior, 42 anos

Neste grupo, e quando se toma a iniciativa da ruptura, esta surge muitas vezes como um mal necessário, já que a relação deixa de significar a felicidade que prometera no passado. Nalguns casos estão também envolvidos processos de reconstrução de identidade⁶ e o divórcio chegou mesmo a ser descrito pelos entrevistados, num momento já distante da fase de ruptura, como uma "libertação".

O divórcio para mim foi uma certa libertação; foi uma oportunidade de experimentar uma vida que eu não conhecia, portanto uma certa liberdade. Liberdade não só de fazer aquilo que eu gostava de fazer, mas mais uma liberdade interior de poder ser "eu", de poder sentir-me livre sem cadeias que me orientassem a vida num determinado sentido."

Nuno, Profissão liberal, 37 anos

Quando não se toma a iniciativa e apesar das diferenças que esta situação pode envolver⁷, tende a ser invocado o mesmo tipo de razões para explicar a ruptura. A separação "sofrida" é normalmente racionalizada como uma necessidade do outro ou como um problema cuja responsabilidade deve ser atribuída a ambos porque "estava" na relação.

"Acho que ele já se estava a sentir mal na relação (...) a pouco e pouco foi deixando que as coisas se avolumassem, tipo bola de neve (...) chegou um dia em que ele entrou em crise perfeita de todos os aspectos da vida dele e portanto sentiu necessidade de cortar (...) a relação estava de facto em crise, mas eu acho que o P. precisava de fazer uma viragem completa (e hoje está provado) na vida dele."

Rosário, Quadro médio, 31 anos

Embora a ideia ou o estigma da culpa não esteja ausente das entrevistas deste grupo ela nunca assume o papel de explicação primordial ou exclusiva. Mesmo que com cadências diferentes a ruptura conjugal aparece⁴, assim aqui, como a afirmação de uma *recusa* - a de viver sem bem-estar individual e/ou harmonia conjugal - e de uma *esperança* - a de reencontrar essa felicidade ou esse bem-estar noutra contexto conjugal ou relacional. O divórcio surge como um direito individual a ser accionado (embora como mal necessário) porque é do bem-estar do indivíduo que depende a harmonia do casal e depois da família. Estas são as características do que já se considerou ser o modelo "modernista"⁸ de casamento

ou forma de conjugalidade *associativa* como se designou na pesquisa. Esta maneira de encarar o casamento contribui para explicar o discurso destes divorciados. Foi nas entrevistas dos divorciados que se consideraram no divórcio-desencontro que se registou a existência de discursos críticos em relação ao casamento como instituição, e práticas coincidentes, isto é, separações de uniões de facto que se afirmavam como alternativas ideológicas ao laço conjugal formal. Do mesmo modo, a defesa da partilha afectiva sem convivência conjugal quotidiana na mesma casa (viver "junto" mas em casas separadas) foi várias vezes referida como ideal ou como prática efectiva. Só neste grupo, como se verá, aparecem alguns divorciados a defender este tipo de ideias que, por um lado, estão em harmonia com uma visão sobre o casamento menos rígida e normativa, que acompanham tendências semelhantes às de outros países da Europa e que reflectem, por outro, um maior relativismo ao nível dos valores e orientações de vida. Esta perspectiva relativista aparece de forma muito clara nas palavras de Alberto:

"Achei sempre que não há receitas. Se alguma coisa a vida me ensinou foi que não há soluções ... do mesmo modo que não há boas teorias, há vários aspectos bons em diversas teorias... não há soluções colectivas... não há ninguém inteligente que possa dizer que a felicidade, o bem-estar, o equilíbrio afectivo passa por estar casado, separado ou numa relação homossexual; isso é uma coisa que cada um de per si ou cada duo ou cada terceto verá face à situação.

Conheço casais felicíssimos, não muitos porque as pessoas separadas, como eu, dão-se pouco com casais, e sei de outros que não são felizes; conheço pessoas que vivem separadas e que vivem bem (...)

Tive quatro experiências de vida a dois e depois três outras relações vivendo cada um em sua casa. Nenhuma das vezes em que vivi no mesmo espaço me senti bem por muito mais do que um ano. Isto levou-me à conclusão de que eu não sou fadado para viver a dois, mas isto não me leva a concluir mais nada. Comigo não dá com outros pode dar. O que não quer dizer também que nunca mais... mas dificilmente voltarei a viver com alguém (...).tenho medo de perder a minha intimidade, o meu casulo (...) a minha casa é o infinitamente pequeno, não cedo para além do infinitamente pequeno."

Alberto, 50 anos, Quadro Superior

A situação pós-divórcio não parece ser vivida com dramatismo nestes grupos. Após o período sempre emocionalmente conturbado que se segue ao divórcio, e independentemente de se ter ou não tomado de forma clara a iniciativa, os divorciados tendem a estabelecer relações amorosas com outras pessoas ou mesmo a voltar à conjugalidade.

As pessoas classificadas no *divórcio-desencontro* pertencem essencialmente a grupos sócio-profissionais como os quadros superiores e médios, as profissões liberais e os empregados, e são homens e mulheres entre os 28 e os 45 anos de idade. É nestes grupos que há maior incidência do divórcio em Portugal, como aliás em outros países da Europa. A "naturalização" da situação de divorciado, que é

acentuada nas entrevistas, é, também ela, susceptível de ser explicada pelo maior "banalização" do fenómeno nestes grupos.

Ausência de responsabilidade, desacompanhamento em relação à família, falta de assistência são algumas das razões dominantes apontadas por um segundo grupo de divorciados para justificar o seu processo de divórcio: *o divórcio-culpa do outro*. Só que, e ao contrário do grupo anterior, são fundamentalmente as mulheres que enunciam este discurso, tenham ou não tomado a iniciativa do divórcio.

"Ele era irresponsável. Podia receber o ordenado e gastá-lo em 8 dias, se fosse caso disso, porque isso não o preocupava. Depois ia-me pedir dinheiro e se não chegava pedia emprestado que eu arranjaria maneira de o pagar ... Ele era um indivíduo que chegava a casa fora de horas. Quando chegava do emprego ia para a taberna (...) deixou-se alcoolizar (...) eu passei a ser uma bengala para aquele indivíduo... era tudo menos o papel de esposa. Com isso eu não podia suportar."

Teresa, Operária, 37 anos

Os homens assumem uma posição particular. Trata-se de um grupo onde se revelou difícil a recolha de entrevistas. De tal maneira que a reflexão sobre as recusas e sobre a forma como elas eram enunciadas se tornou também objecto de análise. As que foram conseguidas assumem também alguma especificidade - referem-se sempre a situações em que são os homens claramente a "provocar" pelo seu comportamento o divórcio. Descrevem o processo de ruptura - cuja iniciativa final até pode não ter sido deles - procurando mostrar várias facetas da situação e acentuando muito menos a tónica da "ausência de responsabilidade" do que as mulheres. Mas acabam por confirmar, curiosamente, algumas das práticas de que elas os acusam - menor atenção à família, violência, álcool.

"Achava-me terrivelmente oprimido...era uma coisa muito monótona, e eu sentia necessidade de me afastar para quebrar um pouco a monotonia da casa (...). Ela estranhava, eu chegava a entrar às 2h, 3h da manhã, ela à minha espera na varanda ... até que eu chegava muitas vezes bêbado. Depois discutíamos, os últimos 3 anos foram horrorosos..."

Joaquim, Operário, 40 anos

"Discussões, muitas discussões e bati-lhe muitas vezes, acho que não devia ter batido...acho que não...mas naquela altura a pessoa ser acusada de coisas que não fez... tá bem que é machismo, que é, pronto... seja o que fôr eu reconheço que está errado. Mas ela levava-me a situações em que a única descarga que eu tinha era bater-lhe... É claro que isso agravava mais as coisas."

Carlos, Operário, 39 anos

É mais difícil afirmar, a propósito destes discursos, que homens e mulheres partilham, neste grupo, o mesmo tipo de perspectivas quanto ao casamento. Há, evidentemente, alguns traços comuns - os homens também falam de responsabilidades e de deveres mesmo que seja para confessar que não os cumpriam ou as assumiam. Tal como no caso feminino, sublinha-se também, nalguns excertos de entrevistas masculinas, a importância da solidariedade entre os membros do grupo familiar e que esta pode ou deve sobrepor-se à vontade do indivíduo. Mas, noutros excertos, surgem ideias real ou aparentemente contraditórias com as anteriores. Por vezes, estes discursos masculinos parecem mais próximos dos que foram identificados no caso do divórcio-desencontro. Falou-se acima de imagens menos claras da pesquisa e este é justamente um dos exemplos dessa ausência de nitidez. Pode avançar-se, em todo o caso, que o modelo de casamento, ou a forma de conjugalidade que se designou por *fusional* seja aqui mais claramente incorporada pelas mulheres do que pelos homens. Tratar-se-ia de considerar que para o bom funcionamento da família é necessário o cumprimento de um conjunto de deveres e responsabilidades mesmo que elas impliquem o sacrifício dos desejos de um dos seus membros. É nesta medida que o divórcio aparece explicado pelas mulheres pela inadequação dos ex-cônjuges ao papel que deles era esperado, pela sua ausência de sentido da responsabilidade. Os elementos de natureza afectiva não entram como factor explicativo para o fim da relação, a não ser como consequência das características negativas da personalidade do outro - faltas, culpa - que tendem elas próprias a produzir o fim da atracção e do amor existentes no início.

O *divórcio-culpa do outro* pareceu ser frequente nas grupos operários entre os 28/45 anos. Os discursos femininos a que se fez referência são de mulheres activas na sua maioria operárias e das mesmas idades. Para as mulheres destes grupos o investimento na família como fonte de identidade social é muito importante, compensando por vezes a falta de gratificação e de interesse que o trabalho significa⁹. O divórcio representa aqui uma importante perda, acentuada para as mulheres pela estigmatização social que a situação de divorciada neste meio ainda acarreta, porque é, aí também, pouco frequente. Nas entrevistas surge ilustrado de várias formas este sentimento que conduz as mulheres a terem, apesar de serem ainda bastante novas, poucas esperanças de voltar a casar, o que como se verá à frente não se passa com os homens.

Fatalidade, destino, amantes - palavras recorrentes nas entrevistas de mulheres separadas com 48 ou mais anos que se incluíram num terceiro tipo de divórcio - o *divórcio-fatalidade*.

"Foi sempre um pega e larga toda a vida de casados; ele saía de casa para as amantes que se seguíam umas às outras, só voltava para eu lhe lavar a roupa (...). Em catorze anos de casada deixou-me oito vezes (...). Nunca se emendou. Já tinha que ser assim o meu destino, porque se não fosse com ele, e fosse com outro era a mesma coisa."

Palmira, sem profissão, 47 anos

"Ele não me baita, mas magoava, estava sempre a dar-me ao desprezo, a espezinhar-me ... Mas o que mais me marcou, naquela pobreza toda, foi ele arranjar uma amante."

Maria Antónia, sem profissão, 57 anos

"Foi muito bom marido, foi muito bom pai... só tenho de bem a dizer. Só foi aquela fatalidade de ver aquela mulher e virar por completo."

Celeste, sem profissão, 59 anos

São longas histórias recheadas de pormenores, horas, dias, frases e diálogos lapidários que parecem ter ficado na memória para sempre. Todos os casos entrevistados correspondiam a mulheres que tinham sido abandonadas pelos ex-cônjuges e/ou trocadas por outras mulheres; no excerto da entrevista masculina que se segue pode notar-se que se trata também de um caso de abandono por parte do marido¹⁰ e que corresponde, aliás, às queixas que as mulheres fazem do comportamento dos seus ex-cônjuges.

"Demo-nos bem... mas eu saí fora da bitola, era novo, gostava de bailes e namoricos e a gente depois começou a aborrecer-se. Depois atravessou-se outra rapariga que é a mãe do meu terceiro filho ...Afastei-me, estive muitos anos separado e cheguei muito mais tarde à conclusão que me devia separar."

Augusto, Operário reformado, 62 anos

A ruptura conjugal aparece nos universos de referência e no sistema de disposições destas mulheres como algo completamente inesperado, para o qual não pode ser procurada outra explicação pertinente senão a da interferência de algum desígnio do destino.

É que o investimento na conjugalidade é totalizante, mobiliza o essencial da identidade social destas mulheres. Não se pode esquecer que na época em que elas se casaram o divórcio era ainda, nestes sectores, um fenómeno mais raro do que é hoje. Por outro lado, todo o seu processo de socialização não as preparava para outro papel digno a desempenhar senão o de mãe e dona-de-casa. É o que se tem designado por casamento ou forma de conjugalidade *institucional*. A ruptura conjugal aparece neste quadro como uma situação que põe em xeque simultaneamente a sua identidade pessoal e social. Acresce que em grupos com poucos recursos, como é o caso, o divórcio pode ainda envolver um movimento de mobilidade descendente ou uma entrada tardia e muito desvantajosa no mercado de trabalho. Para os homens esta percepção de "fatalidade" é muito menos acen-tuada sendo, logicamente, a sua dependência em relação ao casamento muito menor. No caso feminino, insista-se, quando há poucos recursos, e idades mais avançadas, as perspectivas de futuro são bastante sombrias, também quanto à recomposição da vida conjugal.

O divórcio é assim uma "experiência" vivida e sofrida de forma desigual desde o início do processo até às consequências em matéria de recomposição familiar. O contexto social, o sexo, as formas de conjugalidade podem transformar o que uns sofrem como destino em iniciativa libertadora para outros.

2. Identidade Social, Identidade Sexual - uma articulação necessária

As distinções entre os três grupos referidos, na forma de apresentar e explicar o divórcio, são muito nítidas. Outro conjunto de indicadores, que se podem chamar secundários, - o léxico usado e rejeitado, a carga emocional investida no discurso ou a insistência num certo distanciamento, a apresentação de si que só alguns fazem coincidir com o lugar da vítima - contribuíram para reconfirmar estas diferenças. Como se disse, estas distinções revelam lógicas de conjugalidade que se articulam com condições de existência e recursos que também eles distinguem os grupos identificados. Mas dizer que há diferenças inter-grupos não significa admitir, em contrapartida, que os grupos sejam internamente homogêneos¹¹. Ao limite cada divorciado conta uma história específica e única com condicionantes múltiplas. O que não impede que a análise sociológica revele regularidades que identificam a partilha de universos simbólicos de referência que transformam a história de cada um numa realidade comunicável e partilhada por outros.

As diferenças detectadas a partir do sexo dos entrevistados constituíam hipóteses de partida da pesquisa e correspondem, quantos aos resultados da análise, tanto a imagens muito nítidas como a outras menos claras.

Um olhar transversal aos três tipos de divórcio identificados permite verificar, rapidamente, que há lugares do discurso interditos - para homens uns, para mulheres outros. É praticamente ausente das entrevistas a figura do "homem enganado" e da "mulher adúltera". Gere-se o dizível e o indizível¹² - um homem não pode aparecer como vítima ou "rejeitado" pela iniciativa da mulher, esta por sua vez não pode sugerir sem custos para a sua imagem o interesse por outros homens¹⁴. Este vazio foi detectado quer através da análise das recusas às entrevistas por parte dos homens quer através do que efectivamente foi declarado por ambos os sexos. Com efeito, quando se tentou compreender as situações de recusa da entrevista percebeu-se que se tratava de divórcios considerados "difíceis", isto é, rupturas cuja iniciativa partia claramente das mulheres. O que parece aqui manifestar-se é a dificuldade masculina de explicitar a "rejeição" assim como a sua recusa de situações - de que a entrevista não é senão um exemplo - onde é necessário reconhecer fragilidades. As mulheres, em contrapartida, parecem também recusar explicitar situações em que podiam surgir como "adúlteras", o que pode interpretar-se de forma simétrica.

O jogo com o silêncio, sem significar escolha consciente, revela assim as diferenças entre a construção social do masculino e do feminino. O indizível não

é senão afinal o que coloca o indivíduo numa posição de transgressão dos códigos que operam através do habitus e que se revelam também na apresentação de si aos outros¹⁵.

O facto de os homens referirem frequentemente o aparecimento de uma terceira pessoa como factor desencadeador da crise conjugal e, depois, do divórcio, quando, como se disse, esta situação raramente é relatada pelas mulheres, sugere também outras especificidades.

Trata-se ainda da presença do dizível e do indizível no masculino e no feminino. Um homem pode afirmar sem risco para a sua imagem a sua atracção por outras mulheres no contexto da conjugalidade e como factor desencadeador do divórcio. Este género de afirmações pode contribuir até para o reforço de uma certa imagem de masculinidade. No caso das mulheres, bem pelo contrário, uma declaração deste tipo pode ameaçar uma certa representação do feminino.

Mas porque é que os homens, segundo o que é afirmado nas entrevistas, têm tendência a não se aperceber do seu próprio mal-estar ou dos seus problemas na relação a não ser quando aparece uma outra mulher? Será que se pode considerar esta tendência como ilustradora de menor atenção masculina ao decurso da relação, e aos eventuais sinais do seu desgaste, ou que a insatisfação só ganha peso e dimensão "legítima" quando aparece uma terceira pessoa que a revela? Ou poder-se-á considerar que são as mulheres que prestam mais atenção ao desenrolar da relação, já que, quando tomam a iniciativa do divórcio, tendem a explicá-la não pelo aparecimento de outra pessoa mas pela insatisfação com o casamento? Como se estivessem mais atentas ou como se aquela união fosse claramente pressentida como mais desvantajosa, mais constrangedora¹⁶?

Ou tratar-se-á de um território, o emocional e o relacional, onde os homens se sentem menos à vontade para compreender ou exprimir os seus processos afectivos¹⁷?

Embora se considere que as distinções de sexo atravessam transversalmente os tipos de divórcio identificados, é também necessário ter em conta como elas se articulam nos diferentes contextos sociais. O peso da recusa à entrevista, por parte dos homens, foi ainda mais evidente em certos tipos de divórcio - culpa do outro e fatalidade - e o dito e o não-dito adquirem de acordo com os grupos citados alguma especificidade.

Foi mais difícil, como já foi dito, entrevistar homens das classes populares. Aliás, os casos de ruptura em que a iniciativa tinha partido das mulheres nunca surgiram neste grupo e as recusas à entrevista foram claras e inequívocas. Teve-se conhecimento, de resto, de histórias que correm a propósito de situações deste tipo e que revelam que a dificuldade em dar de si próprio uma imagem de fragilidade nasce também de um forte controle social que não hesita em punir o homem que foi abandonado e, sobretudo, "traído" pela mulher¹⁸.

Ainda a propósito da articulação entre o sexo e o contexto social atente-se ao excerto da entrevista de Carlos acima citado. A confissão da violência exercida sobre a ex-cônjuge, embora condenada pelo próprio, aparece de certa forma "naturalizada". Tudo se passa como se a sua imagem não fosse abalada pela

confissão da violência exercida sobre a mulher, e, embora não justificada, ela pudesse ser "compreensível" no quadro conflitual que se tinha gerado na relação. Não se poderão ver aqui os sinais de um comportamento que é pouco condenado no meio social a que Carlos pertence¹⁹? Se se tratasse de um quadro médio ou superior seria possível uma confissão do mesmo tipo? Não é crível, e, de resto, nunca apareceu uma declaração semelhante nas entrevistas realizadas nestes grupos. O que não significa que tal tipo de práticas não existam mas apenas que será mais difícil admiti-las em situação de entrevista, pelo facto da violência sobre as mulheres ser socialmente condenada junto dos sectores mais escolarizados.

Nas declarações dos divorciados quanto à situação pós-divórcio foi ainda possível detectar diferenças entre homens e mulheres. Por um lado, parece efectivamente mais frequente e mais rápido o retorno à conjugalidade por parte dos homens. Mas esta diferença é mais marcante entre as classes populares.

"Tornei-me mais saudável, não me embebedo tanto, arranjei uma rapariga mais nova, muito mais nova do que eu, vou ter um filho brevemente. (...) (O divórcio) foi uma experiência, o casamento foi uma, a separação foi outra, e esta vida ainda foi outra. Portanto eu só tirei partido e vantagens desse meu divórcio. Formei três vidas diferentes".

Joaquim, Operário, 40 anos

"Eu só conheci esta mulher com quem vivo passados três anos e foi ela que me fez esquecer a primeira. Embora tivesse conhecido outras pelo caminho..."

Carlos, Operário, 35 anos

"Quando olho para a frente vejo o meu futuro muito negro, muito feio, muito triste. Não olho para a frente como: isto não deu certo mas eu estou com esperança, ou isto foi uma fase da minha vida...Acho que é muito difícil encontrar uma pessoa, tinha que ser muito especial. Eu não consigo ver as coisas de outra maneira."

Anabela, Operária, 36 anos

As mulheres operárias tendem a prever como mais difícil o seu recasamento, e fazem referência a pressões que sobre elas se exercem, ou por parte da família ou por parte dos colegas de profissão, desaconselhando-as de voltar à conjugalidade. Os homens entrevistados destes grupos, em contrapartida, já estavam em nova situação conjugal. O que parece revelar, aqui, a estigmatização social da figura da mulher divorciada. As mulheres das classes populares, mais velhas e domésticas no momento da ruptura conjugal, consideradas no divórcio-fatalidade, terão ainda mais dificuldade em voltar a casar.

No caso do divórcio-desencontro, embora esteja ausente dos discursos masculinos e femininos a referência a qualquer tipo de estigma que dificulte o recasa-

mento, surgem ligeiras distinções entre homens e mulheres. Embora se possam encontrar atitudes defensivas nos dois sexos quanto a compromissos duradouros ou a um regresso à conjugalidade²⁰, elas foram mais insistentes e eram menos esperáveis pela parte dos homens. É que o registo destas atitudes defensivas curiosamente contrasta com os dados revelados pelas estatísticas que mostram que é maior o número de recasamentos no caso dos divorciados do sexo masculino²¹. Tratar-se-á aqui de uma distinção clara entre o dizer e o fazer? Ou será que o que é pressentido num determinado momento como desvantagem - o compromisso - é rapidamente superado perante as vantagens que um novo casamento parece também apresentar quando surge no horizonte outra hipótese de relacionamento amoroso? Ou será ainda que o paradigma do sucesso se estende no caso dos homens à vida familiar sendo o divórcio pressentido também como uma "falha" pela qual se sentem os principais responsáveis? Sem querer optar por uma destas hipóteses explicativas, até porque elas podem ser cumulativas, é possível avançar que a problemática do recasamento é vivida de forma contraditória."

"Não estou disposto a falhar outra vez. Por isso não se me põe a hipótese de estar aberto assim a uma experiência hoje e outra amanhã. Faço-as mas não com carácter definitivo. Se der então para começar, pode ser que venha a dar uma experiência definitiva."

Pedro, 39 anos, Quadro Superior

"O medo que eu tenho é de efectivamente arranjar uma pessoa, ir viver com ela (...) e que nós acabemos por nos encher um do outro ou coisa do género... não sei, está a perceber? Receio dar o passo desta maneira; eu neste momento tenho muito receio."

Serafim, 42 anos, Quadro Médio

"Eu senti, por um lado, que determinado tipo de idealismo que eu tinha em relação à questão de viver junto foi queimado; ...isso deixou-me uma ferida, deixou uma suspeita muito grande e realmente agora só quero partir para uma situação semelhante a essa depois de ter umas quase... garantias que não vai acontecer ou que não vou passar por uma situação idêntica."

Victor, 38 anos, Quadro Superior²²

Em situação idêntica, isto é, quando ainda não estabeleceram outra relação de tipo conjugal, as mulheres parecem ser menos definitivas nas suas declarações quanto ao interesse ou à possibilidade de voltar a casar. Tudo se passa como se, e tirando algumas excepções, a maioria das mulheres entrevistadas desejasse mais estar de novo numa situação de conjugalidade embora esse desejo não se imponha a um conjunto de condições que julgam necessário reunir.

"(um novo casamento) não é uma coisa que eu procure ... mas também não é uma coisa que eu evite. Acho que isso, o casamento, é uma coisa que acontece na vida das pessoas, que acontece quando as pessoas acham importante, não é? É assim talvez uma etapa, mas não tenho nada contra casar-me outra vez (...)"

Rita, 33 anos, Quadro Médio

É provável que, e para além das diferenças verificadas ao nível discursivo, homens e mulheres pressintam face ao recasamento um tipo de dificuldades diferentes. Para os primeiros o recasamento pode ser atractivo pelo que representa, entre outros factores, do ponto de vista da reorganização da vida doméstica, da estabilidade emocional que se pode projectar de forma positiva na esfera profissional, etc. Mas também pode significar responsabilidades acrescidas, perda de liberdade, novos compromissos.

Ora, ao nível de projecção imaginária o casamento parece ter ainda mais peso para as mulheres do que para os homens. Esta seria uma explicação, pelo menos parcial, para que ao nível discursivo se façam sentir menos as reticências femininas. Por outro lado, as dificuldades presentidas pelas mulheres divorciadas podem ser diferentes das masculinas. Sobretudo quando ficam com os filhos, o que, como se sabe, é a situação mais comum, as mulheres enfrentam outro tipo de contradição - por um lado é-lhes mais difícil a vida quotidiana sem apoios quer afectivos quer materiais, por outro ponderarão certamente um retorno à conjugalidade pelo que ele significa ao nível dos seus efeitos sobre os filhos. Haveria ainda mais distinções a estabelecer quanto às diferenças masculino/feminino mas é difícil desenvolvê-las e interpretá-las de forma sintética e no âmbito de um artigo. Julga-se, no entanto, que os exemplos avançados são já suficientes para demonstrar a necessidade teórica da correcta articulação entre identidade social e identidade sexual. Com efeito, não parece possível explicar as distinções surgidas nos discursos dos entrevistados fazendo a economia de qualquer das determinações. Nem parece sequer produtivo pensar que obrigatoriamente uma delas terá mais peso do que outra alimentando velhas polémicas que conduzem à impertinosa descoberta de uma "sobredeterminação".

Se a pesquisa foi também processo de aprendizagem teórica no diálogo permanente teoria/empíria, ela tornou evidente que estamos perante uma problemática em que se joga muito mais na descoberta de "configurações" específicas, como diria N. Elias. Por outras palavras, os discursos dos divorciados são explicáveis por processos de construção social do "eu" face à vida conjugal, e nestes processos interagem tanto a variável sexo como as variáveis contexto social ou idade. O que aparece aos olhos do investigador como uma massa compacta constituída pelos elementos diversos da história individual, não pode ser "descompactificado" como se se tratasse de puxar apenas por um fio da meada que simultaneamente desfizesse o novo e explicasse a natureza da lá.

A construção da identidade social e da identidade sexual só analiticamente se podem separar, na realidade elas coexistem no processo de construção de um "eu"

específico. Embora haja alguma espessura temporal e certos padrões do masculino e do feminino tenham alguma duração, não se aprende a ser um qualquer "homem" de acordo com um padrão universal e imutável, e da mesma maneira não se aprende uma forma universal e invariante de ser "mulher". Estas aprendizagens fazem-se em contextos específicos de socialização que ensinam, em cada época, e em cada lugar, o ser "masculino" ou "feminino". Ora, não só estes padrões podem mudar, como foi o caso das últimas décadas, como os actores reflectem, participam e criam essas próprias mudanças. Se é verdade que os protagonistas de transformações de valores quanto ao papel da mulher ou ao nível das práticas e das representações sobre a família foram essencialmente os sectores designados vulgarmente por "classes médias", é também indiscutível que tais valores se tornaram norma, discurso dominante. Não se sobrepondo aos sistemas de disposições de outros grupos ou classes sociais, não deixam de ser integrados por estas. É por isso que uma mulher operária, como Teresa, pode hoje tomar a iniciativa do divórcio, ainda que venha a ser socialmente mais penalizada do que outra mulher de outra classe social.

A análise das diferentes representações e práticas face à experiência do divórcio foi sugestiva a diversos títulos. Revelou, para pegar apenas na dimensão "sexo", que nos últimos 20 anos se assistiu a uma verdadeira transformação nos padrões de comportamento face ao casamento e face aos papéis sexuais. O que separa o discurso de Celeste do de Rosário não é só o que as distingue no plano social mas é o que as separa pela idade, pela geração, isto é pelas redefinições que entretanto foram sendo feitas acerca do que é ou do que pode ser uma mulher. O espaço de possibilidades para ser mulher hoje ampliou-se, produzindo por arrastamento o declínio de uma outra realidade e de uma outra imagem. O que tem aliás efeitos tanto para as mulheres como para os homens.

A dor de uma mulher abandonada, com poucos recursos e idade mais avançada, como Celeste, que se olhou sempre como mulher-esposa e mãe, é também alimentada pela busca de uma imagem, do reconhecimento de uma identidade, de um lugar no mundo como pessoa que parecem ter sido perdidos para sempre. O seu ex-marido aliás escolheu a "nova" mulher.

3. O divórcio como situação-limite da conjugalidade

Sendo impossível desenvolver toda a lógica da pesquisa avançam-se de forma sintética alguns dos seus traços principais²³.

Partiu-se do ponto de vista teórico segundo o qual o divórcio, e no mesmo sentido, o discurso dos divorciados só pode ser compreendido e explicado a partir das práticas e das representações que presidem ao casamento e à conjugalidade. Tal como não é possível identificar os traços característicos da Família em geral, também não será possível identificar o Divórcio sem cair em equívocos de interpretação.

A forma de encarar e de viver a ruptura conjugal, depende estreitamente do que se investe e se espera do casamento. Tais investimentos e expectativas variam de acordo com o que diversos autores consideram como tipos ou modelos²⁴ de família ou ainda, como foi adoptado na pesquisa, como "formas de conjugalidade". Definiu-se este conceito, operatório no quadro da pesquisa, considerando cada "forma de conjugalidade" a partir dos recursos dos actores, dos modelos normativos e das práticas e das representações que se podem captar através da análise dos seus discursos. Pretendia-se fugir a conceptualizações que acentuam demasiado a ideia de "finalidade" e/ou intencionalidade da acção, como é o caso do conceito de modelo, ou que se apoiassem única e exclusivamente nas definições que os próprios fazem da sua família, como é o caso do conceito de tipo²⁵. Do mesmo modo, discutiu-se, de forma mais desenvolvida na pesquisa, o conceito de estratégia que não se revelou de utilização flexível ou útil²⁶.

Com os parâmetros teóricos já definidos, procurou-se identificar práticas e representações face ao casamento através das longas descrições que os divorciados fazem da sua vida conjugal antes e depois do divórcio. Estas descrições permitiram construir as diferentes formas de conjugalidade, conduzindo estas por sua vez aos tipos de divórcio identificados e funcionando como princípios de explicação para o discurso dos divorciados²⁷.

O guião das entrevistas foi, assim, organizado de forma a obter um conjunto de informações sobre o vida afectiva, o namoro, o decurso da vida conjugal, o processo de divórcio e o pós-divórcio. Se todas as informações foram importantes para identificar as formas de conjugalidade e os tipos de divórcio, a atenção centrou-se sobre três elementos fundamentais que se consideraram como "operadores": as concepções sobre o casamento, as razões apresentadas para explicar o processo de divórcio e a informação sobre a situação após a ruptura conjugal.

O divórcio foi "compreendido" e explicado a partir das lógicas que operam nas relações conjugais. Por outras palavras, pretendeu-se conhecer também os processos conjugais e familiares através da análise de uma situação-limite - quando os laços se rompem pelo divórcio. As crises, os pontos de inflexão de uma trajectória, podem funcionar como reveladores dos processos sociais a que estão ligados²⁸.

Com efeito, momentos como a ruptura conjugal implicam, para quem toma a iniciativa ou para quem a "sofre", um reajustamento mais ou menos profundo da identidade individual e social. O discurso sobre esses momentos, ou o que Giddens classifica como a consciência "discursiva" e "reflexiva"²⁹ pode funcionar como revelador de outras dimensões da consciência, transformando-se num outro "campo de observação". Contar a sua história de divórcio é também dar uma imagem de si mesmo coerente, o que faz falar tanto os silêncios como as palavras ditas.

Como experiência extrema, o divórcio permite ainda a análise de componentes significativas da conjugalidade. Os constrangimentos da vida familiar, realidades tão objectiváveis como a gestão de recursos e de bens que estão envolvidas na vida conjugal, são iluminadas pelo processo de ruptura. É a magia desencadeada pelo

sentimento amoroso que desaparece para dar lugar à evidência fria dos condicionamentos, dos desamores.

Esta opção teórico-metodológica decorrente da construção específica do objecto teve as suas implicações - houve campos de visibilidade que se abriram enquanto outros se fechavam; exploraram-se vantagens desta abordagem tendo também em conta os seus limites.

Contaram-se entre as vantagens a que consistiu na diminuição dos riscos de cair no que se designou por perspectiva "normativista" - neste caso, a tendência para analisar o "fenómeno" fora do contexto da sua produção - risco agravado quando se procura analisar sociologicamente uma realidade que é também tematizada como "problema social". Isolar o divórcio da conjugalidade para que directamente remete seria uma das vias mais rápidas para uma visão preconceituosa de que se conhecem aliás suficientes exemplos que parecia por isso mesmo imperioso evitar³⁰.

Não se pode esperar, no entanto, que a perspectiva adoptada produza visibilidade sobre todos os aspectos que envolvem a conjugalidade. Estão necessariamente menos desenvolvidas na pesquisa as dimensões mais "pacíficas" da vida conjugal, e assumem em contrapartida maior relevo conflitos, problemas. É também por isso que se adoptou um estilo mais exploratório que assertivo na interpretação de certas diferenças.

Para retomar a alegoria sobre o cinema, podia dizer-se que, como acontece nos filmes que desejamos rever para olhar de novo, e de mais perto, as facetas diversas de um personagem, para melhor compreender os sub-entendidos de um diálogo, ou porque desejamos simplesmente reviver emoções, também a análise empírica nos confrontou com imagens menos nítidas que sugerem o prosseguimento da pesquisa, seguindo noutras direcções. Do lugar do realizador seria talvez mesmo necessário escolher outras personagens e um novo argumento³¹.

4. Problemas na observação das intimidades. Para uma teoria auxiliar sobre o papel do sexo na entrevista

A escolha preferencial de técnicas de recolha de informação que privilegiam o depoimento dos actores é, em sociologia da família, recorrente, dadas as características do objecto. A observação da vida familiar, nas sociedades contemporâneas, está limitada pelo conjunto de acontecimentos e interacções que se passam na esfera privada e de que o investigador só pode entrever manifestações e consequências ou as interpretações dos actores. Se esta particularidade não inviabiliza a análise da realidade conjugal ou familiar não deixa de lhe impôr algumas condições.

Na pesquisa sobre os divorciados levantou-se desde logo um problema de observação na situação de entrevista - como neutralizar o sexo da investigadora? Não seriam de esperar ocações, dificuldades na "confissão" de certos factos ou

ideias? Com efeito, era possível que a composição de uma imagem de si na situação de entrevista fosse reforçada pelo facto de se estar perante alguém do mesmo grupo sexual a que pertencia a pessoa com quem recentemente se tinha entrado em conflito. Decidiu-se utilizar sempre um entrevistador do mesmo sexo do entrevistado.

Esta opção metodológica feita depois de diversas experiências, revelou-se, finalmente, correcta. A análise da informação recolhida mostrou bem a que ponto os entrevistados ficavam mais à vontade com uma pessoa do mesmo sexo para exprimir sentimentos, para utilizar metáforas e para dar exemplos. Pode mesmo dizer-se que se desencadeava um efeito de cumplicidade sexual quando se abordavam alguns assuntos. Eram, sem dúvida, impensáveis certas declarações num contexto de observação onde a diferença sexual estivesse em jogo. De resto, foi também evidente que em determinadas circunstâncias o mal estar se estendia ao próprio entrevistador.

Não se julgue, porém, como aliás já foi referido, que esta solução metodológica resolveu todos os problemas de ocultação ou que se julga possível a transparência total por parte dos entrevistados. A entrevista, pelo seu carácter pontual, reforça os efeitos de produção da imagem de si que ocorrem em qualquer contexto de interacção social e por isso, também, nas situações de observação na pesquisa. Estes efeitos traduziram-se, no caso do discurso sobre o divórcio, numa descrição dos factos que pareceu em conformidade com o que se julga ser dizível e "normal" segundo as normas dos grupos de pertença social e sexual.

Por outras palavras, os casos mais "complicados" ou difíceis de sustentar pelo próprio sem ferida para a sua imagem, estão subrepresentados na evidência empírica recolhida. Ter consciência de tal subrepresentação, além de indicar a necessidade de controlar conclusões limitando a sua generalização, implica, por outro lado, outra referência metodológica. É que parece importante cruzar permenemente outras formas de observação e análise, ter em conta de forma sistemática o dito e o não-dito, usar a imaginação para encontrar situações possíveis ou prováveis e compará-las com as que são referidas no discurso explícito.

Como outros problemas metodológicos, a questão do sexo do entrevistador, e poder-se-ia dizer mesmo o do investigador, merece uma reflexão mais aprofundada no domínio da sociologia e, em particular, da sociologia da família. Sendo impossível desenvolver aqui outras considerações é claro que se pretende chamar a atenção para a necessidade de contribuir, a este respeito, para o que sociólogos portugueses têm chamado "teorias auxiliares de observação"³². A constatação deste tipo de problema no quadro da pesquisa empírica ocorreu certamente já a inúmeros investigadores. Mas também é verdade que ele não aparece como tema de debate ou reflexão.

Na pesquisa sobre o divórcio, de que se acaba de dar conta, impôs-se resolver a questão de forma incontornável e procurou-se encará-la na perspectiva das "relações sociais de observação"³³, já que a utilização do termo "sexuais" poderia sugerir equívocos - testando técnicas e tomando medidas que se julgaram adequadas. Sabe-se, aliás, que só certas condições de investigação e, nomeadamente, de

financiamento, tornam possível a sua resolução técnica. Quanto à reflexão metodológica e ao debate deixa-se aqui, desde já, a sugestão do seu prolongamento. Ninguém deve ter dúvidas que os investigadores, tal como alguns dizem dos anjos, também têm sexo.

Notas

- 1 Marcel Proust, *A la recherche du temps perdu*, Paris, Éditions Gallimard, 1954, I Volume, p.642.
- 2 Esta pesquisa foi financiada pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. A problematização teórica e os resultados fundamentais foram expostos no Trabalho de Síntese das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica realizadas no ISCTE. Cf. Anália Torres, *Fatalidade, Culpa, Desencontro - Formas da Ruptura Conjugal*, Lisboa, ISCTE, 1990.
- 3 Cf. entre outros, Anália Torres "Mulheres divorciadas: um contributo para o estudo dos processos de mudança na família", *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século*, Actas do I Congresso Português de Sociologia, Volume 1, Lisboa, Fragmentos, 1990.
- 4 Entrevistaram-se, segundo a técnica da entrevista em profundidade (semi-direciva), 30 mulheres e 25 homens, a maioria divorciados, mas também separados, de diferentes idades e meios sociais. A idade e a situação social indicadas nos excertos citados correspondem ao momento da entrevista. Há portanto uma diferença entre homens e mulheres já que os primeiros foram entrevistados em 1989 e as últimas em 1985. Só foram consideradas para a análise as entrevistas de indivíduos que estivessem separados, no mínimo, há dois anos, para evitar excessivo envolvimento emocional.
- 5 Cf. Anália Cardoso Torres, *Levantamento Sociográfico sobre o Divórcio em Portugal*, Direcção Geral da Família (para publicação).
- 6 O processo de divórcio pode ser entendido, do ponto de vista da identidade social do indivíduo, como uma espécie de reverso da medalha do casamento: os membros do casal recém-constituído redefinem a sua identidade social em função da nova situação, enquanto no processo de ruptura começam a redefinir-se como pessoas separadas. Cf. Diane Vaughan, *Uncoupling - Turning points in intimate relationships*, New York, Oxford University Press, 1986.
- 7 In quanto ao decurso do divórcio ou da separação não é inteiramente partilhada entre os dois cônjuges ou parceiros, há uma diferença importante entre aquele que toma a iniciativa e o que "sofre" a decisão do outro. Esta diferença reflecte-se, entre outros aspectos, no tempo de adaptação à ideia e à situação de ruptura, começando quem toma a iniciativa o processo de transição emocional e identitário mais cedo. Cf. Diane Vaughan *Uncoupling - Turning points in intimate relationships*, New York, Oxford University Press, 1986. Esta diferença parece ainda reflectir-se, no plano psicológico, nos sentimentos desencadeados pela situação imediatamente posterior à ruptura: quando se "sofre" o divórcio tende a ser predominante o sentimento de perda, quando se toma a iniciativa é o sentimento de culpa que parece prevalecer. Cf. Robert S. Weiss, *Marital Separation*, New York, Basic Books, 1975.
- 8 Jean Kellerhals, "Statut social, Project Familiale et Divorce: une analyse longitudinale des ruptures d'union dans une promotion de mariage", *Population*, n.º 6, 1985.
- 9 A importância mais decisiva do casamento, no caso das mulheres menos escolarizadas, em relação aos investimentos profissionais, parece bem ilustrada por Jean Kellerhals, et al., *Mariages au Quotidien - Inégalités Sociales, Tensions Culturelles et Organisation Familiale*, Lausanne, Ed. Pierre-Marcel Favre, 1982, p.94.
- 10 Não se entrevistou o número suficiente de homens nestes grupos para que se possa dizer que o divórcio-abandono é claramente o tipo de divórcio no masculino que corresponde ao divórcio-fatalidade.
- 11 Como se disse, no princípio da pesquisa tinha-se como objectivo captar para a análise situações de divórcio e de separação diferentes quanto ao contexto social, ao sexo e à idade dos actores. Mas, no caso do divórcio-desencontro, por exemplo, acabou por se considerar no mesmo grande grupo pessoas com origens sociais diferentes - quadros originários da burguesia e outros originários da pequena burguesia de execução. Apesar das nuances e de certas diferenças que ao longo da análise foram sendo identificadas, comparando os discursos considerou-se que as similitudes eram mais

fortes. Aliás, havia ainda outras distinções entre os entrevistados a ter em conta - idade na altura do divórcio, duração do casamento, número de filhos, trabalho profissional feminino no momento do divórcio, período específico da trajectória profissional dos dois cônjuges, etc.. Só a análise de um número mais significativo de casos do mesmo grande grupo poderia precisar a origem dessas nuances e dessas diferenças.

12 Cf. Michael Pollak, "La gestion de l'indivisible" *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* nº62/63, Junho, 1986. Apesar do objecto ser completamente diferente, o problema metodológico colocado, a saber, a gestão da palavra dita em situação de entrevista, é perfeitamente idêntico ao surgido nesta pesquisa. Ou como o autor sublinha "...le silence peut-être facilement, mais faussement, assimilé à l'oubli". Agradeço a Nadine Lefaucheur e a Idalina Conde a chamada de atenção para este conjunto de artigos.

13 Na realidade só há um divorciado que declara explicitamente ter havido outro homem na vida da sua ex-mulher. Curiosamente a forma como o afirma ("eu não tenho problema nenhum em dizer isto...") é a própria sintomática do que a maioria "habitualmente" pressente como problemático. 14 Pode avançar-se a hipótese de que os casos de adultério por parte das mulheres sejam menos numerosos, devido a constrangimentos sociais conhecidos. No entanto, não deixou de se estranhar que num conjunto de 55 entrevistas em profundidade esta situação apenas tenha sido mencionada explicitamente uma só vez.

15 A noção de habitus "sexuado" dá conta, de outra forma, da construção social das imagens do feminino e do masculino: "Mais le plus important est ici d'essayer d'évoquer le mode d'opération propre de l'habitus sexué et sexuant et les conditions de sa formation. L'habitus produits des constructions socialment sexuées du monde et du corps propre lui-même qui, sans être des représentations intellectuelles, n'en sont pas moins actives, et des réponses synthétiques et adaptées qui, sans être en rien fondées sur le calcul explicite d'une conscience mobilisant une mémoire, ne sont pas pour autant le produit du fonctionnement aveugle de mécanismes physiques ou chimiques capables de mettre l'esprit en vacances. A travers un travail permanent de formation, de "Bildung", le monde social construi le corps, à la fois comme réalité sexuée et comme dépositaire de catégories de perception et d'appréciation sexuantes, qui s'appliquent au corps propre lui-même, dans sa réalité biologique". Cf. Pierre Bourdieu, "La Domination Masculine", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº84, Setembro, 1990, p. 11.

16 François de Singly mostra como o casamento pode colocar entraves à carreira profissional feminina. Cf. *Fortune et Infortune de La Femme Mariée*, Paris, PUF, 1987. O inquérito que esteve na origem do livro de Jean Kellerhals et al., *Mariages au Quotidien*, op. cit., mostra igualmente como as mulheres que têm formação universitária e para-universitária têm tendência para considerar como mais significativos os constrangimentos impostos pela vida conjugal. Analisando ainda as declarações sobre os inconvenientes do casamento, Janet Askham verificou que existe uma clara distinção entre homens e mulheres - os primeiros consideram "a perda de liberdade" como o pior inconveniente enquanto as mulheres insistem nos problemas que decorrem das responsabilidades familiares e das tarefas domésticas. Cf. Janet Askham, *Identity and Stability in Marriage*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

17 Contributos de vários autores sublinham as diferenças entre homens e mulheres quanto à expressão das emoções. Ver, entre outros, Eduardo Crespo, "Emotions in Spain", Rom Harré ed., *The Social Construction of Emotions*, New York, Basil Blackwell, 1986, pp. 214-215, e Victor Seidler, "Reason, desire and male sexuality", Pat Caplan ed., *The Cultural Construction of Sexuality*, Londres, Tavistock Publications, 1987, pp. 98 e segs..

18 Conta-se, nomeadamente, em certas empresas e bairros que o homem que se presume ter sido "traído" pela mulher é objecto de troça e mesmo de punições terríveis como a de ser marginalizado enquanto não tomar atitudes severas para com ela. O que mostra que também os homens se sentem constrangidos a tomar medidas, mesmo que não o desejem, para assumir o papel "masculino" que lhes é atribuído. Cf. Anália Torres, *Fatalidade, Culpa, Desencontro - Formas da Ruptura Conjugal*, op. cit..

19 É curioso observar, apesar de tudo, na entrevista de Carlos, a existência de expressões e palavras (machismo) que reenviam para a integração de categorias do discurso actual e dominante de condenação da defesa da discriminação feminina.

20 Há vários factores que podem contribuir, sem dívida também, para posições mais ou menos defensivas quanto a um retorno à conjugalidade: ser ou não ser iniciador do processo de ruptura,

duração da situação pós-divórcio, ter ou não ficado a viver com os filhos, número e idade destes, etc.

21 Cf. Anália Torres, *Levantamento sociográfico sobre o Divórcio em Portugal*, op.cit..

22 Os três entrevistados declararam ter tomado a iniciativa da separação.

23 Para melhor conhecimento das perspectivas teóricas e do modelo de análise, Cf. Anália Torres, *Fatalidade, Culpa, Desencontro - Formas da Ruptura Conjugal*, Trabalho de síntese das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, ISCTE.

24 O artigo "Mariages et Divorces. Contribution à une analyse systématique des modèles matrimoniaux" in *Population*, nº6, 1980, de Louis Roussel, inspirou e conduziu à utilização de uma lógica semelhante na pesquisa. Aí se procura articular modelos de casamento a modelos de divórcio.

25 Uma discussão interessante sobre os limites e as virtualidades dos conceitos de tipo e de modelo pode ser encontrada no livro de Louis Roussel, *La Famille Incertaine*, Paris, Ed. Odile Jacob, 1989, pp. 136-153.

26 Pode constatar-se, com efeito, que o divórcio é mais frequente em certos contextos sociais do que noutros e, justamente, naqueles em que ele não implica qualquer espécie de punição social, porque aí de certa forma ele se "banalizou". Podia-se assim admitir que se tratava de uma espécie de percepção, mais ou menos consciente, que nos aproximaria de uma ideia de estratégia. Mas, em todo o caso, o divórcio é também um direito individual, que se pode impôr contra a vontade de um outro. Como identificar então a estratégia de quem "sofre" uma separação?

27 Foram analisados outros trabalhos empíricos, a propósito do divórcio, que contribuíram também para captar as diferenças entre os diferentes tipos de divórcio identificados. Ver, entre outros, S. Price and P. Mckenty, *Divorce*, California, Sage Publications, 1988; G. Levinger e O. Moles (eds.), *Divorce and Separation - Context, Causes and Consequences*, New York, Basic Books, 1979; o trabalho de Nadine Lefaucheur sobre as atitudes quanto à família segundo a categoria sócio-profissional foi também útil; ver Pascale Martin, *Des Familles et des Enfants*, Bruxelles, DeBoeck-Wesmael, 1988.

28 Reconheceu-se a utilização de uma lógica idêntica nos trabalhos de Michael Pollak e Natalie Heinrich sobre a experiência concentracionária: "Toute expérience extrême est révélatrice des constituants et des conditions de l'expérience "normale", dont le caractère familier fait souvent écran à l'analyse". Cf. "Le Témoignage", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº62/63, Junho, 1986.

29 Anthony Giddens, *The Constitution of Society*, Cambridge, Polity Press, 1984.

30 A tese normalista parte do pressuposto valorativo de que, por definição, o casamento é o estado "bom" e normal sendo por isso o divórcio sintoma de crise da família ou anomalia. Nem sempre esta tese aparece defendida de forma directa, mas ela é frequente em muitos artigos sobre o divórcio publicados na revista *Journal of Marriage and The Family*. Trata-se muitas vezes de análises empíricas e empiricistas que não problematizam os pressupostos de partida. Para um maior aprofundamento desta discussão Cf. Anália Torres, *Fatalidade, Culpa, Desencontro - Formas da Ruptura Conjugal*, op.cit. e Helen J. Raschke, no artigo "Divorce" in Sussman and Steinmetz (eds), *Handbook of Marriage and The Family*.

31 Prossegue-se actualmente a pesquisa procurando articular os conceitos de identidade social e identidade sexual através da análise de histórias de conjugalidade, sem ruptura, de pessoas dos dois sexos e de meios sociais diferentes. Alguns dos traços menos definidos da análise empírica podem, com efeito, ter sido produzidos pelo facto de se analisar sobretudo casos conflituais. Neste sentido certas interpretações sobre as diferenças masculino/feminino foram limitadas. Procura-se, além disso, ser prudente num território particularmente contaminado de generalizações ideológicas que não se desejam retomar.

32 Cf J. Ferreira de Almeida e J. Madureira Pinto, "Da teoria à pesquisa empírica. Problemas Metodológicos Gerais", in A.Santos Silva e J. Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 1986.

33 Idem.

Bibliografia

- ASKHAM, Janet, *Identity and Stability in Marriage*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984.
- BOURDIEU, Pierre, "La domination masculine", *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, nº84, Septembre, 1990.
- CAPLAN, Pat (ed.), *The Cultural Construction of Sexuality*, Londres, Tavistock Publications, 1987.
- GIDDENS, Anthony, *The Constitution of Society*, Cambridge, Polity.
- HARRÉ, Rom Ed., *The Social Construction of Emotions*, New York, Basil Blackwell, 1986.
- KELLERHALS, Jean et. al., *Mariages au Quotidien - Inégalités Sociales, Tensions Culturelles et Organisation Familial*, Lausanne, Ed., Pierre-Marcel Favre, 1982.
- KELERHALS, Jean, "Staut social, project familiale et divorce: une analyse longitudinale des ruptures de union dans une promotion de mariage", *Population*, 6, 1985.
- LEVINGER, G. and MOLES, O., *Divorce and Separation - Context, Causes and Consequences*, New York, Basic Books, 1979.
- MARTIN, Pascale, *Des Familles et Des Enfants*, Bruxelles, DeBoeck- Wesmael, 1988.
- POLLAK, Michael, "La gestion de l'indicible", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº62/63, Juin, 1986.
- POLLAK, Michael et HEINICH, Natalie, "Le Témoignage", *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, nº62/63, Juin, 1986.
- PRICE, S. and MCKENRY, P., *Divorce*, California, Sage Publications, 1988.
- RASCHKE, Helen J., "Divorce", in SUSSMAN and STEINMETZ (ed.), *Handbook of Marriage and The Family*, New York, Plenum Press, 1987.
- ROUSSEL, Louis, "Mariages et Divorces. Contribution à une analyse systématique des modèles matrimoniaux", *Population*, nº6, 1980.
- ROUSSEL, Louis, *La Famille Incertaine*, Paris, Ed. Odile Jacob, 1989.
- SILVA, Santos A. e PINTO, J. Madureira (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 1986.
- SINGLY, François de, *Fortune et Infortune de la Femme Mariée*, Paris, PUF, 1987.
- TORRES, Anália Cardoso, "Mulheres, Divórcio e Mudança Social", *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº2, 1987.
- TORRES, Anália Cardoso, "Amores e Desamores - para uma análise sociológica das relações afectivas", *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº3, 1987.
- TORRES, Anália Cardoso, *Levanamento Sociográfico sobre o Divórcio em Portugal*, Lisboa, Direcção Geral da Família, 1988.
- TORRES, Anália Cardoso, "Mulheres divorciadas: um contributo para o estudo dos processos de mudança na família", *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século*, Actas do I Congresso Português de Sociologia, Volume 1, Lisboa, Fragmentos, 1990.
- TORRES, Anália, *Fatalidade, Culpa, Desencanto - Formas da Ruptura Conjugal*, Lisboa, ISCTE, 1990.
- VAUGHAN, Diane, *Uncoupling - Turning Points in intimate relationships*, New York, Oxford University Press, 1986.